

LITERATURA FANTÁSTICA E O SEU PAPEL COMO ESTIMULADORA DA SENSIBILIDADE NO LEITOR, UMA PERSPECTIVA ATRAVÉS DE OBRAS DO FAGUNDES VARELA

Emily Zimmermann
(Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC)

RESUMO: O presente artigo explora o papel da literatura fantástica no desenvolvimento emocional e psicológico dos leitores, destacando como obras como as de Fagundes Varela utilizam o fantástico para criar empatia e amadurecimento. A pesquisa discute a presença do sobrenatural nas narrativas, desde suas origens nas fábulas até sua adaptação na literatura contemporânea, refletindo sobre a identidade cultural brasileira. Também é abordada a influência do fantástico nas emoções humanas, considerando suas contribuições para a compreensão dos desafios da realidade. Por fim, o artigo analisa como essas narrativas podem ajudar no processo de humanização do indivíduo por meio da literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Fantástica; Realidade e imaginação; Romantismo brasileiro.

INTRODUÇÃO

Durante o desenvolvimento do ser humano, utilizam-se com frequência recursos do imaginário e, por vezes, do fantástico para o aprendizado das crianças. Contos e fábulas como *Os três porquinhos* e *A raposa e a lebre* tornam-se presentes na memória coletiva e nos mostram como portar-se em sociedade, nossos direitos e deveres e até o que se pode ou não fazer.

Entretanto, no decorrer dos anos, nota-se, em meio a uma cultura globalizada, o uso massivo do fantástico na cultura contemporânea, indo desde os livros a filmes e séries, que parece dizer aos receptores algo sobre a sociedade. Poderiam, então, seres autonomeados, desenvolvidos e cientificamente racionais buscar a imaginação assim como seus ancestrais cultuavam os mitos? O que isso tem a dizer sobre a identidade brasileira?

Inicialmente o artigo tem uma conceituação geral, disserta sobre a presença do ato de contar histórias e sua relação com o desenvolvimento dos humanos, confirma que o sobrenatural tem sua adesão desde a literatura primária e desenvolve as variadas teses sobre o que seria a literatura fantástica. Por conseguinte conceitua a definição do fantástico, demonstra o interesse dos críticos no gênero e faz uma breve iniciação sobre o poder emocional/psicológico do imaginário nos indivíduos. Em sequência, disserta sobre a representação das emoções na literatura e como pode auxiliar no desenvolvimento pessoal do indivíduo em sociedade. Logo após, faz uma análise de obras selecionadas de Fagundes Varela, detendo-se aos aspectos sensibilizadores de suas poéticas. Por fim, faz-se

considerações e reflexões finais sobre o papel dessa literatura e sua relevância para a tese apresentada.

O artigo está dividido em cinco capítulos, intitulados: “1. Contexto geral”, “2. Literatura fantástica”; “3. “A humanização pela literatura: entre a imaginação e a conexão emotiva”; “4. Perspectiva do fantástico sensibilizador nas obras de Fagundes Varela”; “5. Considerações Finais”.

1. CONTEXTO GERAL

O ato de contar e ouvir histórias tem suas manifestações que atravessam os séculos, entrelaçadas à existência da espécie humana. Nesse sentido, é possível observar nas obras literárias primárias, histórias de cunho fictício e sobrenatural em sua maioria. Para Chelebourg (2006, p. 12) isto quer dizer que a adesão ao sobrenatural está em nossa própria natureza e a questão dos ritos e da magia está intrinsecamente vinculada às manifestações estéticas. Assim, a presença do sobrenatural nas artes, em geral, é percebida em todos os tempos e em diversos lugares. Contudo, dela surgiram variações, nas quais foram inseridas as peculiaridades e percepções regionais, limitando cada vez mais as histórias de origem sobrenatural às localidades em que ocorrem a sua difusão.

Assim, a presença de gêneros que correlacionam as emoções com o sobrenatural é reconhecível nos diversos espaços geográficos com o uso do termo “fantástico”. Para Platão (2003 [428 a.C.- 348 a. C.]), a nomenclatura “fantástico” refere-se a um conjunto de comparações e de metáforas que remetem ao reflexo e aos ícones, tentando captar o núcleo central da imagem e da imaginação, abordando a relação entre o “real” e o “imaginário”.

Para Amaral (2022, p. 189), o fantástico foi se modificando ao longo dos séculos, assim, obras que estavam relacionadas ao sobrenatural, com o uso de fantasmas e vampiros, passam a desenvolver o psicológico do ser humano, usando elementos como alucinações e pesadelos para conectar-se à mente humana. Entretanto, o sobrenatural, a dúvida e o estranho se fazem presentes. De acordo com Ceserani (1999, p. 15-6):

Uma das dificuldades para a compreensão do termo “fantástico” provém das diferentes concepções filosóficas do final do século XVIII, que atribuíam a ele sentidos diversos, bem como as diferentes traduções que tiveram nas línguas europeias as palavras e conceitos a ele correlacionados. Em francês, italiano e espanhol, por exemplo, o termo “fantasia” corresponde de

modo geral ao sentido alemão, hegeliano e romântico, que designa a faculdade mais alta e criativa. Paralelamente, “imaginação” – do alemão *Einbildungskraft* – remete à faculdade de menor entidade, ou seja, aquela que desenvolve uma atividade puramente combinatória. Ora, em inglês, dá-se exatamente o contrário, e a designação dos dois termos se inverte, contribuindo para a dificuldade de sua conceituação, uma vez que este poderia recobrir qualquer nova acepção que estivesse em relação com o imaginário.

Para Todorov (1980, p. 35), a literatura fantástica é uma narrativa que precisa entrar no nosso mundo como um fato que não pode ser explicado racionalmente. Assim, essa dúvida e incerteza gerada entre o real e o inexplicável, com a hesitação do leitor, fazem o fantástico acontecer.

De acordo com Freud (1984), as obras fantásticas têm importante relação para o desenvolvimento psicoemocional do homem. A sensação de não saber se a história pertence ao mundo real ou ao fantástico e a incerteza entre um objeto estar vivo ou morto, se tornam, para o leitor, motivações para que seu sonho se transforme em realidade.

Mesmo não se estabelecendo fantasias com mundos perfeitos, constituem-se soluções perfeitas, às quais se observa, são a transferência das necessidades de resolução dos problemas para os livros. Conforme o pesquisador Borowski (2017), o leitor identifica-se com o personagem principal da trama, comparando sua realidade com as situações da história, ocorrendo assim um desenvolvimento ético e moral de forma lúdica e envolvente. Além disso, a experiência dá ao leitor uma sensação de que suas situações estão representadas, forjando uma mensagem de conforto, pela qual aquele que lê diz a si mesmo: “Você não está só”.

Quando nos detemos ao Romantismo brasileiro, podemos notar que ele foi fortemente marcado pelos movimentos indianistas e regionalistas, e o século XIX foi um momento em que a independência se firmava, gerando um momento de grandes preocupações sobre a definição de uma identidade cultural. Entretanto, existiam obras cujo foco não se limitava à valorização da nacionalidade e assim, conforme Cândido (2012, p. 531), “as diversas tendências da ficção romântica para o fantástico, para o poético, o quotidiano, o pitoresco e o humorístico.” Dessa forma, os contos de Varella trabalharam em consonância com os projetos literários do seu período, como também o fantástico na América lusófona.

2. LITERATURA FANTÁSTICA

Com grande frequência no meio artístico, a literatura não oferece respostas, mas sim acrescenta, redonda ou reconfigura antigos questionamentos. Assim, elas continuam a existir para que novas obras surjam, alimentando-se e sendo alimentadas por essas indagações. Um exemplo antigo no meio literário é o entendimento sobre o que é literatura fantástica.

É interessante notar que nossas noções sobre obras que poderiam classificar-se como fantásticas, os clássicos *Chapeuzinho Vermelho*, *Cinderela* e *Os Três Porquinhos*, nem sempre foram consideradas da forma como as conhecemos. No passado, não havia distinção para o que eram histórias para as crianças e para os adultos, somente na transição para o período romântico foi que essa ideia se difundiu. Era necessário minimizar os enredos polêmicos, deixar a história mais leve, lúdica e fantasiosa.

Com o passar dos séculos, evidenciou-se a importância do gênero para o desenvolvimento psicológico do indivíduo, desde a sua formação, que se dá na infância. De acordo com Radino (2003, p.56):

[...] a fantasia é o combustível interno do sujeito, já que desde o nascimento elas são criadas para possibilitar a sobrevivência psíquica e são necessárias para que se possa dominar as angústias e realizar os desejos, além de tornar possível a nomeação, projeção e externalização dos medos. A fantasia e a realidade caminham juntas, porque nesse contexto a realidade mencionada é a realidade psíquica, a qual é tão importante quanto qualquer outra realidade, uma vez que a fantasia é a verdade do sujeito.

Contudo, havia divergências sobre o que era considerado fantástico ou não, o que suscitou o interesse de diversos críticos da modalidade para conceituá-la. De acordo com alguns estudiosos, as melhores histórias, fundamentadas em fatos reais, poderiam ser consideradas fantásticas, já que, o autor se vale da sua imaginação para preencher as lacunas de fatos e ações ocorridas e lembradas por sua memória.

Assim, o artigo detém-se na mais renomada e aceita conceituação sobre o que é o fantástico, conforme o filósofo e literato búlgaro Todorov (1980, p. 35):

[...] a literatura fantástica é uma narrativa que precisa entrar no nosso mundo com um fato que não pode ser explicado racionalmente. Assim, essa dúvida e incerteza gerada entre o real e o inexplicável com a hesitação do leitor fazem o fantástico acontecer.

Seguindo a linha de Todorov (1980), há categorias às quais dão singularidades a cada tipo, contudo, todas devem gerar incertezas e dificuldades em

decifrar os fatos, já que o gênero sobrevive de invenções. As categorias são depreendidas em: fantástico, maravilhoso e estranho. No fantástico, os acontecimentos parecem sobrenaturais, mas têm explicações racionais, ou a narrativa termina com o leitor aceitando o sobrenatural. Enquanto no estranho, os fatos podem ser explicados pelas leis da razão, porém, podem ser considerados extraordinários, estranhos. Já no maravilhoso, os acontecimentos sobrenaturais não provocam estranhamento no leitor e nem nos personagens. Além do mais, para Todorov (1980), as categorias podem sobrepor-se ou até enquadrar outros gêneros.

Entretanto, ao falar sobre literaturas fantásticas, recordamos comumente obras de países do hemisfério norte, por recorrência ao continente europeu. A imagem do Brasil como um fabricador de histórias de cunho fantástico é, quase em sua totalidade, inexistente para o senso comum, analisando as condições sociais-históricas da região, a qual gerou um público sedento por gêneros com maior teor de realidade.

Com a formação da literatura brasileira no período romântico, havia, de acordo com Cândido (2012), obras cuja valorização da nacionalidade não implicava abrir mão do universal e, assim, exprimiam as diversas tendências da ficção romântica para o fantástico, para o poético. São obras que não se afastam e nem se opõem ao projeto literário do período, mas apenas decantam alguns de seus aspectos. É o que se pode encontrar nos contos e poemas de Fagundes Varela que, distante da ideia de segmentar-se por completo de seu período artístico, buscou conciliar o presente com aspectos inovadores, tanto nas terras brasileiras quanto no estrangeiro. Um escritor que pensou além dos aspectos físicos, voltando-se para como a imaginação e a subjetividade podem ser essenciais na conservação das ideias e para a ampliação da capacidade de observação dos eventos à volta, devolvendo ao homem a sua maneira de pensar, tornando o impossível em possível.

3. A HUMANIZAÇÃO PELA LITERATURA: ENTRE A IMITAÇÃO E A CONEXÃO EMOTIVA

O enfoque estrutural presente na contemporaneidade busca a delimitação de uma análise racionalista e, por vezes, técnica, a qual reduz a compreensão da subjetividade profunda da obra. Assim, no campo artístico, a ideia de definição do que seria literatura, ou até mesmo arte, não possui existência definitiva, apenas reflexões a respeito do que seria, nunca uma conclusão.

Detendo-se aos papéis que a literatura pode assumir, nota-se que variam de acordo com os aspectos artísticos aos quais estão sendo analisados. Por exemplo, o filósofo grego Platão (1972 [380 a.C. - 375 a.C.]), no livro "República", relata que o papel da literatura é formado por imitações (mimese) que se afastam da verdade, não apenas imitando o mundo sensível, mas também distorcendo-o. Logo, a visão platônica sobre a função da literatura ignorava a presença da singularidade do autor, limitando-se à imitação de um mundo que pode ou não ter sido modificado de acordo com o propósito da obra.

Já para o renomado romancista francês Victor Hugo, a literatura tinha como função uma força poderosa, capaz de influenciar a sociedade e o espírito humano de maneiras profundas e transformadoras. Para ele, o papel das obras era guiar indivíduos através do sentimentalismo, assumindo um papel majoritariamente político. Ambos os autores não estão errados. Contudo, foram reducionistas ao restringir a função de uma arte mundial como a literatura a papéis imitativos ou instrutivos.

O pesquisador Quintás (1997) afirma que a literatura nos oferece um material humano imprescindível à compreensão do psíquico. Porém, quando esses sentimentos se ligam a valores, princípios ou normas, qualquer tentação moralista deve ser combatida. Para o pesquisador Gaston Bachelard, a literatura tem um poder mais efetivo na relação emocional-subjetiva entre o leitor e a realidade que o cerca, conforme parafraseado por Cândido (2012, p. 6):

Gaston Bachelard procurou investigar como o estado de passividade intelectual a ser anulado. Mas aos poucos o devaneio lhe foi aparecendo, não apenas como etapa inevitável, ou solo comum a partir do qual se bifurcam reflexão científica e criação poética, mas a condição primária de uma atividade espiritual legítima. O devaneio seria o caminho da verdadeira imaginação, que não se alimenta dos resíduos da percepção e portanto não é uma espécie de resto da realidade; mas estabelece séries autônomas coerentes, a partir dos estímulos da realidade. Uma imaginação criadora para além, e não uma imaginação reprodutiva ao lado, para falar como ele.

Ademais, a presença dos aspectos emotivos e subjetivos na literatura mundial teve sua maior incidência no período romântico — compreendido entre o final do século XVIII e o início do século XIX —, no qual ocorreram transformações sociais que levaram à estrutura da civilização moderna, às consequências da Revolução Industrial e à popularização do liberalismo. Com o passar do tempo, essas mudanças deixaram suas marcas nos indivíduos, assemelhando-se aos ideais por

eles difundidos: individualismo, racionalismo e negligência emocional. Assim, o diálogo entre a história e a literatura resultou em mudanças recíprocas, integrando novas estratégias narrativas e o redimensionamento da realidade social (VELLOSO, 2012).

Reconhecido principalmente como um poeta romântico, Luís Nicolau Fagundes Varela (1841-1875) também explorou a prosa de ficção, tendo publicado alguns contos no *Correio Paulistano* em 1861. Ao flertar especialmente com o gênero fantástico, ele foi um autor notável por sua desenvoltura em trazer os aspectos do imaginário e trabalhar com eles na construção de uma narrativa que, ao mesmo tempo que atrai o fascínio do leitor pelos objetos que causam estranhamento, consegue fazer uma ponte entre as emoções do narrador e os sentimentos experimentados pelo receptor da obra em vida.

A historiografia e a crítica oitocentista tornaram invisíveis partes da produção do escritor, alegando terem se distanciado das temáticas valorizadas pelo projeto romântico nacional. Deste modo, invalidou Varela como um dos fundadores da literatura fantástica brasileira ao lado de Álvares de Azevedo. Poucos críticos ocuparam-se em abordar a temática fantástica dentro do Romantismo e, quando o fizeram, apresentaram referências escassas, que pouco elucidam a produção do gênero em solo brasileiro (DUARTE, 2019).

4. A PERSPECTIVA DO FANTÁSTICO SENSIBILIZADOR NAS OBRAS DE FAGUNDES VARELA

Como retratado anteriormente, Varela foi um autor reconhecido por suas poesias e pelos aspectos que se assemelhavam aos ideais do movimento literário vigente na época. Pouco se sabe, e é estudado, sobre o cunho fantástico em suas prosas escritas no *Correio Paulistano*, menos ainda sobre a possibilidade do fantástico ter se enraizado em suas poesias e o papel delas naquilo que o eu-poético busca dizer. Assim, o presente capítulo detém-se em poemas selecionados, predominantemente da obra *Noturnas*, buscando uma análise tanto da escolha lexical quanto das temáticas retratadas e como elas reverberam em um fantástico que envolve o leitor.

Nascido e criado em terras brasileiras, Varela passou por diversas situações difíceis em sua vida, como a perda do primeiro filho e da esposa em 1863, das quais nunca se recuperou, tornando-se gatilhos para o desenvolvimento do alcoolismo.

Para além das situações ruins, o escritor teve uma renomada formação acadêmica no país, tendo acesso aos mais variados materiais de estudo europeus, os quais auxiliaram no desenvolvimento da sua própria escrita. Ao longo dos anos, dedicando-se quase exclusivamente à poesia, o autor conseguiu destacar-se no mundo literário brasileiro, chegando a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras.

Cavalheiro (2000) aponta como grande influência para a composição dos poemas que Varela futuramente escreveria, suas constantes viagens e o contato com a diversidade da terra brasileira que elas lhe proporcionam, sendo assim, um elemento importante para que ele viesse a se tornar o grande poeta que, sem dúvida, foi.

Analizando a poesia *Névoas*, da obra *Noturnas* (2014 [1861]), o eu-lírico descreve uma cena durante a noite em uma praia, onde observa uma figura mística (uma fada) dormindo serenamente. Há notavelmente uma importância em descrever o cenário noturno, criando um ambiente calmo através de termos que remetem a sensações de tranquilidade, como as referências a cores frias, a luz do luar e o movimento dos mares. Percebe-se também uma escolha de palavras que busca induzir a imaginação a criar o hipotético cenário e, por vezes, causar estranheza por usar elementos sobrenaturais, como a figura de uma fada. Compreende-se que o uso desses elementos tinha como objetivo uma melhor verossimilhança com a ideia central de irradiar pureza e leveza, para no fim demonstrar a desilusão e a efemeridade dos momentos.

NÉVOAS

Nas horas tardias que a noite desmaia,
Que rolam na praia mil vagas azuis,
E a lua cercada de pálida chama
Nos mares derrama seu pranto de luz,
Eu vi entre os flocos de névoas imensas
Que em grutas extensas se elevam no ar,
— Um corpo de fada, — serena dormindo,
Tranquila sorrindo num brando sonhar.
Na forma de neve — puríssima e nua —
Um raio da lua de manso batia,
Assim reclinada no turbido leito
Seu pálido peito de amores tremia.
Oh! filha das névoas! das veigas viçosas,
Das verdes, — cheiroosas roseiras do céu,
Acaso rolaste tão bela dormindo,
E dormes sorrindo, das nuvens no véu?
O orvalho das noites congela-te a fronte,
As orlas do monte se escondem nas brumas,
E queda repousas num mar de neblina,

Qual pérola fina no leito de espumas!
Nas nuas espáduas, dos astros dormentes,
— Tão frio — não sentes o pranto filtrar?
E as asas de prata do gênio das noites,
Em tóbios açoites a trança agitar?
Ai! vem que nas nuvens te mata o desejo
De um férvido beijo gozares em vão!...
Os — astros sem alma — se cansam de olhar-te,
Não podem amar-te, nem dizem paixão!
E as auras passavam, — e as névoas tremiam, —
— E os gênios corriam — no espaço a cantar,
Mas ela dormia tão pura e divina
Qual pálida ondina nas águas do mar!
Imagen formosa das nuvens da Ilíria,
— Brilhante Valquíria — das brumas do norte,
Não ouves ao menos do bardo os clamores,
Envolta em vapores, — mais fria que a morte!
Oh! vem! vem, minh'alma! teu rosto gelado,
Teu seio molhado de orvalho brilhante,
Eu quero aquecê-los no peito incendido,
— Contar-te ao ouvido paixão delirante!...
Assim eu clamava tristonho e pendido,
Ouvindo o gemido da onda na praia,
Na hora em que fogem as névoas sombrias,
— Nas horas tardias que a noite desmaia. —
E as brisas d'aurora ligeiras corriam,
No leito batiam da fada divina;
Sumiram-se as brumas do vento à bafagem
E a pálida imagem desfez-se em — neblina!
[Santos, 1861]
(VARELA, 2014 [1861])¹

Há também a presença da retratação da natureza como um meio de traduzir o espírito do autor, suas sensações, desejos e ideias perante um fato, característica visivelmente presente em autores românticos. A estrofe abaixo, retirada do poema *A mulher de Noturnas*, demonstra uma das utilizações do autor da natureza para representar um espírito.

A mulher sem amor é como o inverno,
Como a luz das antélias no deserto,
Como o espinheiro de isoladas fragas,
Como das ondas o caminho incerto.[...]
(VARELA, 2014 [1861])²

Em *Vida de flor*, o autor desenvolve uma poesia através da criação de um cenário em que uma flor dialoga com o vento, o qual representa as forças implacáveis da natureza e do destino. A flor implora ao vento para deixá-la viver e desfrutar de sua breve existência, destacando sua fragilidade e efemeridade. O

¹ VARELA, Fagundes. *Noturnas*. São Paulo: Poeteiro Editor Digital, 2014. p.7. Disponível em: <https://www.santoandre.sp.gov.br/biblioteca/pesquisa/ebooks/366766.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2024.
² VARELA, Fagundes. *Noturnas*. São Paulo: Poeteiro Editor Digital, 2014. p.17-18.. Disponível em: <https://www.santoandre.sp.gov.br/biblioteca/pesquisa/ebooks/366766.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2024.

vento, implacável e insensível, continua a açoitar a flor até que ela murche e morra. Entende-se que o autor poderia usar cenas reais com situações verdadeiras para representar a ideia moralista que busca passar, mas comprehende-se que a intensidade que o escritor pretende manifestar através da poesia não seria a mesma. Assim, o uso de recursos fantasiosos faz com que o leitor foque na mensagem da obra com a intensidade que o autor desejava, sem precisar de uma formação especializada na área, trazendo também uma maior subjetividade, que é um caráter inerente à poesia.

VIDA DE FLOR

Por que vergas-me a fronte sobre a terra?
— Diz a flor da colina ao manso vento —
Se apenas das manhãs o doce orvalho
Hei gozado um momento!
Tímida ainda, nas folhagens verdes
Abro a corola à quietação das noites,
Ergo-me bela, me rebaixas triste
Com teus feros açoites!
Oh! deixa-me crescer, lançar perfumes,
Vicejar das estrelas à magia,
Que minha vida pálida se encerra
No espaço de um só dia!
Mas o vento agitava sem piedade
A fronte virgem da cheirosa flor,
Que pouco a pouco se tingia, triste,
De mórbido palor.
Não vês, oh brisa? lacerada, — murcha
Tão cedo ainda vou pendendo ao chão,
E em breve tempo esfolharei já morta
— Sem chegar ao verão?
Oh tem pena de mim! deixa-me ao menos
Desfrutar um momento de prazer,
Pois que é meu fado despontar n'aurora
E ao crepúsc'lo morrer!...
Brutal amante não lhe ouviu as queixas,
Nem às suas dores atenção prestou,
E a flor mimosa retraindo as pétalas
Na tige se inclinou.
Surgiu n'aurora, não chegou à tarde,
Teve um momento de existência só;
A noite veio, — procurou por ela,
Mas a encontrou no pó.
Ouviste, oh virgem, a legenda triste
Da flor do outeiro e seu funesto fim,
— Irmã das flores, à mulher às vezes —
Também sucede assim.
[S. Paulo, 1861]
(VARELA, 2014 [1861])³

³ VARELA, Fagundes. Noturnas. São Paulo: Poeteiro Editor Digital, 2014.p.8-9. Disponível em: <https://www.santoandre.sp.gov.br/biblioteca/pesquisa/ebooks/366766.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2024.

Além disso, nota-se que o autor busca na obra, como a maior parte dos romancistas brasileiros, atribuir originalidade e independência ao Brasil em relação a Portugal. Entretanto, diferente dos demais romancistas, que usam a imagem do indígena e os aspectos naturais do país para construir essa identidade brasileira, Varela tem como ponto de partida demonstrar a forma como os cidadãos lidavam psicologicamente e emocionalmente com as transformações sociais ocorridas e a necessidade de um Estado independente. Como visto no poema transscrito abaixo:

NOTURNO

Ó noite, ó tarde da vida,
Ó coração fatigado!
Lá fora o vento bramindo
Soluça no descampado.

Ao longe o céu, as estrelas,
No alto a lua sem véu,
No mar das sombras as nuvens
Boiando na cor do céu.

Ao pé do leito que aguarda
Meu pobre corpo a dormir,
Vejo a criança chorando,
Pela mãe a carpir.

Ó noite, ó tarde da vida,
Ó coração fatigado,
Tens de chorar e de rir.
(VARELA, 2014 [1861])⁴

Observa-se o ponto de partida: um eu-lírico contemplando a noite como uma metáfora para as dificuldades da vida. A utilização de uma criança chorando demonstra a dificuldade das gerações futuras em lidar com essas transformações. Por fim, a utilização do termo “coração fatigado” tem como intuito dizer ao leitor que, até para aqueles que estão vivendo essas mudanças, elas são provenientes dos desafios de entendê-las.

É importante considerar o uso do autor em temáticas imaginárias, oníricas e até delirantes, como um meio capaz de levar a uma fuga mental da realidade do eu-lírico, muitas vezes árdua. Abaixo encontram-se trechos do poema *Névoas* da obra *Noturnas* e, em seguida, a análise da doutora em literatura Duarte (2019, p. 5):

⁴ VARELA, Fagundes. *Noturnas*. São Paulo: Poeteiro Editor Digital, 2014.p.10. Disponível em: <https://www.santoandre.sp.gov.br/biblioteca/pesquisa/ebooks/366766.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2024.

Nas horas tardias que a noite desmaia,
Que rolam na praia mil vagas azuis,
E a lua cercada de pálida chama
Nos mares derrama seu pranto de luz,
Eu vi entre os flocos de névoas imensas
Que em grutas extensas se elevam no ar,
Um corpo de fada, - serena dormindo,
Tranquila sorrindo num brado sonhar.
Oh! filha das névoas! das veigas viçosas,
Das verdes, - cheirosas roseiras do céu,
Acaso rolaste tão bela dormindo,
E dormes sorrindo, das nuvens no véu?
(...)
Nas nuas espáduas, dos astros dormentes,
- Tão frio - não sentes o pranto filtrar?
E as asas de prata do génio das noites,
Em tíbrios açoites a trança agitar?
Ai! vem que nas nuvens te mata o desejo
De um férvido beijo gozares em vão!...
Os astros sem alma -se cansam de olhar-te,
Não podem amar-te, nem dizem paixão!
(...)
Assim eu clamava tristonho e pendido,
Ouvindo o gemido da onda na praia,
Na hora em que fogem as névoas sombrias,
- Nas horas tardias que a noite desmaia. -
E as brisas d'aurora ligeira corriam,
No leito batiam da fada divina;
Sumiram-se as brumas do vento à bafagem
E a pálida imagem desfez-se em - neblina!

As brumas, a neblina, a pálida chama, os astros que compõem o cenário, sugerem tratar-se de um sonho ou delírio, a visão do "corpo de fada", da "filha das névoas! das veigas viçosas", que se desfazem em neblina ao raiar do dia. A inspiração se abre aos domínios desconhecidos do sonho e do imaginário.

Ampliando-se para além da obra *Noturnas* (2014 [1861]), o poema *As Bruxas* (1861a), de Fagundes Varela, relaciona-se com o fantástico ao explorar o mistério, o sobrenatural e a inquietação diante do desconhecido. Através de uma linguagem rica em imagens sombrias e atmosféricas, o poeta evoca um cenário onde o real se mistura com o irreal, despertando no leitor tanto fascínio quanto temor, envolvendo-se no poema. As bruxas, figuras centrais, simbolizam forças transgressoras e misteriosas, desafiando as certezas do mundo racional e mergulhando o leitor em um universo de dúvida e assombro. Esse apelo ao sobrenatural não apenas enriquece a dimensão fantástica do poema, mas também toca aspectos humanos profundos, como o medo do desconhecido e o desejo de transcender os limites da realidade. Assim, o poema sensibiliza ao provocar emoções intensas e reflexões sobre a dualidade entre luz e trevas, realidade e ilusão, vida e morte.

Outro exemplo seria a obra *As ruínas da glória* (1861b), de Fagundes Varela, que transita pela literatura fantástica ao evocar imagens de decadência e transcendência que ultrapassam os limites do real, criando um cenário onírico e alegórico. A figura das ruínas é central, simbolizando a efemeridade das conquistas humanas e o poder inexorável do tempo, temas que ressoam profundamente na sensibilidade do leitor. Com sua linguagem poética rica e cadenciada, Varela constrói um ambiente carregado de melancolia e mistério, onde o passado glorioso contrasta com o presente desolado, ampliando a experiência estética por meio de elementos que sugerem a presença do sobrenatural ou do eterno. Essa dualidade entre o tangível e o imaginário desperta reflexões existenciais, sensibilizando o leitor para a fragilidade da condição humana e a busca incessante por significado diante da transitoriedade da vida.

Em suma, Fagundes Varela demonstra em suas obras poéticas uma habilidade ímpar de unir o fantástico à experiência sensível do leitor, explorando elementos sobrenaturais, oníricos e simbólicos para construir universos que dialogam com a efemeridade da vida, a melancolia e os anseios humanos. Poemas como *As Bruxas* (1861a), *As Ruínas da Glória* (1861b) e *Névoas* (2014 [1861]), e revelam a capacidade do autor de evocar imagens que transcendem o real, conferindo profundidade emocional e ampliando a compreensão de questões existenciais e universais. Ao transformar a natureza, o imaginário e o sobrenatural em reflexos de seu eu-lírico, Varela cativa e sensibiliza, reafirmando sua relevância não apenas como poeta romântico, mas também como um precursor da literatura fantástica brasileira.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme discutido ao longo deste artigo, com base em teses científicas de referência, a intenção final é provocar indagações sobre as concepções sociais da literatura fantástica. Tais concepções frequentemente levam os indivíduos a acreditar que este é um gênero destinado apenas a crianças, que suas manifestações recentes se limitam à cultura popular de filmes e séries, ou que se restringe ao imaginativo, sem qualquer relação com experiências reais dos variados aspectos que configuram o ser humano.

Para Nodier (1957), o fantástico torna-se a expressão de um refúgio contra a desilusão provocada pela dura realidade do mundo, abrangendo todas as áreas da

imaginação poética. Esse caráter de abrigo que o fantástico assume aproxima o leitor da obra, proporcionando uma espécie de segurança e afeto ao indivíduo assustado, podendo ser metaforizado como um “colo de mãe”.

Além disso, Jung (2007 [1922]) considera o autor o "solo" no qual a arte se desenvolve, ou seja, o produto literário carrega características do autor, mas também se molda à própria vontade. As experiências emocionais do autor, como as dificuldades vividas por Fagundes Varela ao perder familiares e amigos, influenciam profundamente sua obra e moldam sua performance como escritor.

Portanto, a presença do fantástico acompanha o desenvolvimento da humanidade e suas manifestações são essenciais para muitas de nossas convenções éticas e morais, além de serem fundamentais para o amadurecimento psicológico, pois abrem caminho para a imaginação e a criatividade, aliados importantes na resolução de conflitos diários.

Em suma, a fantasia tem uma relação importante com o tempo, pois em cada etapa do desenvolvimento há uma diferente fantasia que predomina no imaginário. Logo, o que se cria contém os fios do presente, do passado e do futuro entrelaçados pelo desejo que os une.

Referências bibliográficas:

- AMARAL, Bibiana Borges. **A Literatura Fantástica: Percurso Histórico e Conceitual.** Revista Porto das Letras: Fantastic Literature – Historical and Conceptual Path, Tocantins, v. 8, p. 189-189, 20 ago. 2022.
- BOROWSKI, Dominik. **On Polish Fantastic Literature for Young People and Its Therapeutic Potential.** Respectus Philologicus, v. 31, n. 36, p. 30–39, 25 out. 2017. Disponível em:<<https://www.journals.vu.lt/respectus-philologicus/article/view/13555>>. Acesso em: 03 de jun. 2024.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males**, Campinas, SP, 2012. DOI: 10.20396/remate.v0i0.8635992. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>> Acesso em: 03 de jun. 2024.
- CAVALHEIRO, Edgard. **Fagundes Varela.** São Paulo: Livraria Martins, 2000. pp. 25-6.
- CESERANI, Remo. **Lo fantástico.** Madri: Visor, 1999 [1996].
- CHELEBOURG, Christian. **Le Surnaturel.** Poétique et écriture. Paris: Armand Colin, 2006.
- DUARTE, Claudia Renata. **Sobre Tudo.** Lírica da Alma Desajustada: Noturnas, de Fagundes Varela, Santa Catarina, v. 10, p. 128-129, 29 ago. 2019.
- FREUD, Sigmund. **Resumo das Obras Completas.** Rio de Janeiro: Atheneu, 1984.
- JUNG, Carl Gustav. **O espírito na arte e na ciência.** Obras completas de C. G. Jung, v.15. Petrópolis: Vozes, 2007 [1922].
- NODIER, Charles. **Contes fantastiques.** Tomes 1 et 2. Apresentação de Michel Laclos. Paris: Jean-Jacques Pauvert, 1957.
- PLATÃO, . **A República** — Platão: Introdução, tradução e notas de Maria Helena da FRocha Pereira. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972 [380 a.C. - 375 a.C.].
- PLATÃO. **Sofista.** Brasília: Ebooklibris, 2003. [428 a.C.- 348 a. C.] Disponível em: <https://institutoelo.org.br/site/files/publications/c3ce95f2ea7819533050e2effd5b652d.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2025.
- QUINTÁS, Alfonso Lopes. **Literatura y formación humana.** Madrid: San Pablo, 1997.
- RADINO, Glória. **Contos de fadas e a realidade psíquica, a importância da fantasia no desenvolvimento.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**, 1980. Disponível em: <https://www.academia.edu/4176799/Tzvetan_Todorov_Introducao_a_literatura_Fantastica> Acesso em: 03 jun. 2024.

VARELA, Fagundes. **As bruxas**: Crenças populares. São Paulo, SP: Correio Paulistano, 1861a.

VARELA, Fagundes. **As ruínas da glória**: Conto fantástico. São Paulo, SP: Correio Paulistano, 1861b.

VARELA, Fagundes. **Noturnas**. São Paulo: Poeteiro Editor Digital, 2014 [1861]. Disponível em: <<https://www.santoandre.sp.gov.br/biblioteca/pesquisa/ebooks/366766.pdf>> Acesso em: 12 dez. 2024.

VELLOSO, Mônica Pimenta. História, literatura e memória: Uma discussão sobre universos fronteiriços. **Mouseion**: Revista eletrônica do Museu e Arquivo Histórico La Salle, Rio Grande do Sul, v. 11, p. 4-4, 11 jan. 2012.